



**Meu ato criminoso é realizar filmes:  
a leitura crítica de Luís Felliipe sobre a *Trilogia do Luto***

**Mi acto criminal es hacer películas:  
la lectura crítica de Luís Felliipe sobre la *Trilogía del Luto***

**My criminal act is making films:  
Luís Felliipe's critical reading of the *Trilogy of Mourning***

Isadora Ortiz Coelho<sup>1</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
<https://orcid.org/0009-0002-0102-2853>



Luís Felliipe. *“Meu ato criminoso é realizar filmes”: a construção do narrador na trilogia do luto*, de Cristiano Burlan. Rio de Janeiro: Multifoco, 2024.



**Resumo:** O livro *“Meu ato criminoso é realizar filmes”*: a construção do narrador na Trilogia do Luto, de Cristiano Burlan, escrito por Luís Fellipe, publicado em 2024 pela Editora Multifoco, investiga como o luto e a perda moldam a construção do narrador em três filmes dirigidos por Burlan: *Construção* (2006), *Mataram meu irmão* (2013) e *Elegia de um crime* (2018). A pesquisa parte da hipótese de que o cinema de Burlan não apenas documenta a dor pessoal, mas também reinventa o papel do narrador no ensaio cinematográfico. O autor busca compreender a subjetividade que permeia a construção narrativa em filmes de caráter documental. Utilizando uma metodologia de análise fílmica e dialogando com autores como Walter Benjamin e Theodor Adorno, Luís Fellipe examina a fragmentação das narrativas e o uso de memórias íntimas no cinema. Seus resultados indicam que o cinema de Burlan transcende o tradicional papel do documentário, criando uma forma de arte que desafia os limites entre ficção e realidade. O livro conclui que a obra de Burlan oferece um modelo único de ensaio cinematográfico, onde o narrador atua como mediador de experiências individuais e coletivas de dor, promovendo novas formas de engajamento emocional e reflexão crítica sobre o luto e a memória.

**Palavras-chave:** Documentário; Subjetividade; Ensaio cinematográfico; Luto.

**Resumen:** El libro *Meu ato criminoso é realizar filmes: a construção do narrador na trilogia do luto*, de Cristiano Burlan, escrito por Luís Fellipe, publicado en 2024 por la Editorial Multifoco, explora cómo el duelo y la pérdida moldean la construcción del narrador en los filmes *Construção* (2006), *Mataram meu irmão* (2013) y *Elegia de um crime* (2018), dirigidos por Burlan. El autor parte de la hipótesis de que las películas no solo documentan el dolor personal, sino que también reinventan el rol del narrador en el cine ensayístico. A través de un enfoque metodológico centrado en el análisis fílmico y la teoría crítica de autores como Walter Benjamin y Theodor Adorno, el autor examina cómo la subjetividad y la fragmentación narrativa influyen el impacto emocional de las películas. Los resultados muestran que la obra de Burlan va más allá de los límites tradicionales del documental, creando una forma de expresión artística híbrida entre la ficción y la realidad. La investigación concluye que la trilogía del luto de Burlan transforma al narrador en un mediador de experiencias emocionales, ofreciendo un espacio de reflexión crítica sobre la memoria y el duelo.

**Palabras clave:** Documental; Subjetividad; Ensayo cinematográfico; Luto.

**Abstract:** The book *“Meu ato criminoso é realizar filmes”*: a construção do narrador na Trilogia do Luto, de Cristiano Burlan, written by Luís Fellipe, published in 2024 by Multifoco Publishing, examines how grief and loss shape the construction of the narrator in Burlan's films *Construção* (2006), *Mataram meu irmão* (2013) and *Elegia de um crime* (2018). The author hypothesizes that Burlan's films do not merely document personal pain but also reinvent the role of the narrator in the cinematic essay. Through a methodological approach based on film analysis and theoretical insights from Walter Benjamin and Theodor Adorno, the author investigates how subjectivity and narrative fragmentation affect the emotional experience of the audience. The results indicate that Burlan's films transcend the traditional boundaries of documentary filmmaking, creating a hybrid form of art that blurs the lines between fiction and reality. The book concludes that Burlan's trilogy of mourning positions the narrator as a mediator of individual and collective experiences of grief, promoting new forms of emotional engagement, and critical reflection on memory and mourning.

**Keywords:** Documentary; Subjectivity; Cinematic Essay; Mourning.

O livro de Luís Fellipe, adaptado de sua dissertação de mestrado e intitulado *“Meu ato criminoso é realizar filmes”*: a construção do narrador na Trilogia do Luto, de Cristiano Burlan, oferece uma contribuição substancial ao estudo da narrativa audiovisual, explorando as interseções entre o ensaio cinematográfico, o documentário e a autobiografia. Orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Patrícia Rebello da Silva e defendido na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, este trabalho examina a construção de um narrador que se insere no contexto do filme ensaio, vertente que desafia as convenções



tradicionais do documentário. A proposta é ambiciosa, pois desenvolve um estudo aprofundado que revela as nuances da narrativa cinematográfica contemporânea.

O recorte escolhido recai sobre a obra de Cristiano Burlan, cineasta brasileiro cuja trajetória é marcada pela experimentação formal e pela forte dimensão autobiográfica. Autor de mais de 20 filmes, Burlan consolidou sua relevância sobretudo com a *Trilogia do Luto* (*Construção*, 2006; *Mataram meu irmão*, 2013; *Elegia de um crime*, 2018), em que revisita a morte do pai, o assassinato do irmão e o feminicídio da mãe, respectivamente. Essas obras conjugam memória íntima, crítica social e invenção narrativa, e é a partir delas que Luís Felipe estrutura sua análise.

Para situar o leitor na estrutura da obra, é importante destacar que o livro se organiza em três capítulos principais, além de Prefácio, Introdução, Considerações Finais e Anexos. O primeiro capítulo, *Ensaio em cena ou quando o ensaio chegou ao campo audiovisual*, traça uma genealogia do ensaio fílmico, desde suas origens literárias até sua consolidação no cinema, ressaltando a centralidade da subjetividade e da relação entre narrador e tecnologia. O segundo capítulo, *Pensar em voz alta ou a voz off nos filmes ensaio*, dedica-se ao papel da voz *off* como instância reflexiva, com atenção especial ao modo como esse recurso é explorado na *Trilogia do luto* de Burlan, analisando individualmente cada filme. Já o terceiro capítulo, *A narrativa como condutora do enredo*, aborda a questão do narrador e da autobiografia no audiovisual, explorando a figura do autor-personagem, o uso de retratos e autorretratos, e as formas pelas quais os filmes de Burlan exemplificam tais procedimentos, com seções específicas dedicadas a *Mataram meu irmão* e *Elegia de um crime*. Essa organização permite que Luís Felipe articule conceitos teóricos e análise fílmica de maneira gradual e aprofundada, conduzindo o leitor a uma reflexão mais ampla sobre o ensaio até a materialidade dos filmes analisados.

O livro se estrutura a partir da premissa do ensaio cinematográfico, um gênero que, segundo o autor, se distingue por sua subjetividade e reflexividade. Desde suas origens literárias, com Michel de Montaigne, até sua adaptação ao meio audiovisual, o ensaio cinematográfico se caracteriza pela presença de um narrador que se distancia das abordagens expositivas clássicas, como bem exemplificado pelo uso da voz *off* e pela produção em primeira pessoa. Essa abordagem permite que a narrativa vá além da apresentação factual e se transforme em espaço de reflexão crítica.

Luís Felipe levanta a hipótese de que o narrador no filme ensaio se aproxima das ideias de Walter Benjamin (1996), que valoriza a experiência individual e a subjetividade como componentes fundamentais da narrativa. Essa conexão é essencial para compreender como os filmes de Burlan se articulam em torno da experiência do



luto e da perda, proporcionando uma leitura mais rica e envolvente. A fragmentação da narrativa, conforme destaca o autor, reflete uma perspectiva que se afasta do todo em busca de um entendimento parcial e, muitas vezes, emocionalmente mais ressonante.

Um dos pontos altos da obra é a análise da *Trilogia do Luto* composta por *Construção* (2006), *Mataram meu irmão* (2013) e *Elegia de um crime* (2018). Antes de examinar como Luís Fellipe mobiliza esses filmes para sustentar seus argumentos, convém contextualizá-los.

*Construção* (2006) é o primeiro filme da trilogia e trata da morte do pai do cineasta. É um documentário de caráter ensaístico, de curta duração (48 minutos), que já revela a busca de Burlan por uma estética que mescla memória pessoal, subjetividade e reflexão crítica. O filme combina registros visuais fragmentados com uma narração intimista, aproximando-se daquilo que Luís Fellipe descreve como “ensaio em formação” (cap. 1.1) e ensaio “em busca do ser” (cap. 1.3). Nessa obra, a experiência individual de luto inaugura um gesto narrativo que se distanciará do relato puramente factual e se consolidará como forma de autorrepresentação.

*Mataram meu irmão* (2013), vencedor do prêmio de Melhor Documentário Brasileiro no festival *É Tudo Verdade*, dá sequência ao processo ao reconstruir a história do assassinato de Rafael, irmão do diretor. A narrativa se organiza a partir de entrevistas com familiares e conhecidos, em ambientes cotidianos e domésticos, reforçando uma intimidade que se traduz no uso da voz *off* como pensamento em fluxo (cap. 2.2 e 2.6.2). Aqui, segundo Luís Fellipe, o narrador não se limita a relatar: ele compartilha uma dor que é pessoal e, ao mesmo tempo, social, ecoando o que o autor discute no capítulo 3, sobre a autobiografia no audiovisual (3.2) e o “autor-narrador” (3.4). A montagem fragmentada intensifica o caráter ensaístico, produzindo um espaço de escuta em que memórias contraditórias e afetos convivem, em consonância com o que Adorno descreve como a potência do fragmentário no ensaio.

Por fim, *Elegia de um crime* (2018) encerra a trilogia com a investigação do assassinato da mãe do cineasta, Isabel. A obra assume um tom mais político e direto, denunciando a impunidade e a violência de gênero, sem abrir mão da subjetividade que marca o projeto como um todo. As fotografias de arquivo, a narração em primeira pessoa e a presença do próprio Burlan em cena configuram uma narrativa em que o autor se torna também personagem, um movimento analisado por Luís Fellipe nas seções sobre autorretratos e pessoa-personagem (cap. 3.3 e 3.4). Ao mesmo tempo, o filme tensiona a função da voz *off* (cap. 2.6.3), que deixa de ser apenas reflexão e passa a encarnar um gesto de acusação e resistência. Com isso, *Elegia de um crime* articula o luto íntimo



e a denúncia pública, exemplificando como, para Burlan, o ato de narrar se converte em ato político e ético.

Esses três filmes, vistos em conjunto, configuram uma trajetória pessoal de elaboração da perda e uma reflexão sobre as possibilidades do documentário contemporâneo. Ao mobilizar categorias como subjetividade, fragmentação e voz narradora, Luís Felipe demonstra como a trilogia dialoga com tradições do ensaio literário e audiovisual, ao mesmo tempo em que afirma uma estética singular no cinema brasileiro.

Luís Felipe investiga como essas obras utilizam a estética ensaística para explorar temas como a memória, a dor da perda e a construção da identidade narrativa. O autor argumenta que a subjetividade do narrador, ancorada em uma perspectiva íntima, permite uma conexão emocional mais profunda com o espectador, criando um espaço no qual o “eu” se torna um forte expoente na narrativa. O uso de elementos autobiográficos, portanto, não é um mero recurso, mas uma estratégia para humanizar e dar voz a experiências universais.



Figura 1: Capas dos filmes *Construção* (2006), *Mataram meu irmão* (2013) e *Elegia de um crime* (2018). Fonte: Reprodução Bela Filmes.

A obra traz à tona questões cruciais sobre a natureza do filme ensaio. O autor observa que “a ligação direta com o ensaio mostra-se como o caminho mais frutífero para compreender estes filmes que surgem desde os anos 1960” (p. 133). Essa

afirmação ressalta a importância de reconhecer o filme ensaio como um gênero que se afasta da tradicional representação da realidade e que busca uma reflexão mais pessoal e subjetiva. Luís Fellipe afirma ainda que “as produções documentárias contemporâneas apresentam um viés mais subjetivo, amparado em uma produção próxima do íntimo, onde o 'eu' se coloca como um forte expoente nos últimos anos” (p. 24). Essa tendência sugere que o documentário contemporâneo não se limita apenas à apresentação de fatos, mas também se ocupa de desvelar a experiência humana e suas complexidades.

Outro aspecto relevante abordado no livro é a definição do ensaio como um gênero que deve se estruturar de maneira a permitir interrupções e fragmentações, refletindo assim a complexidade da experiência humana. Luís Fellipe argumenta que “o ensaio precisa se estruturar de modo que possa ser interrompido a qualquer instante, por isso seu caráter fragmentário” (p. 31). Esse caráter fragmentário, como destacado por Theodor Adorno, é uma característica fundamental do ensaio: “fragmentário, o parcial diante do total” (Adorno, 2003, p. 25, *apud* Santos, 2024, p. 31). Essa concepção enfatiza a importância do processo de criação e a liberdade narrativa, permitindo que o autor e o espectador trilhem caminhos que muitas vezes se desvirtuam da linearidade e da totalidade.

A chegada do som direto ao cinema também é abordada por Luís Fellipe como um marco relevante para a construção de narrativas mais íntimas e reflexivas. Jean-Claude Bernardet (2003), no livro *Cineastas e imagens do povo*, aponta que o som direto abriu um leque vasto de entrevistas e falas para o cinema, inicialmente focando no conteúdo, mas posteriormente, a partir da década de 1960, o ato de falar passou a causar maior fascínio do que o próprio conteúdo (Bernardet, 2003, *apud* Santos, 2024, p. 70). Isso reflete uma transição importante no cinema documental, em que a forma de expressão do sujeito se torna tão significativa quanto o conteúdo das falas.

Luís Fellipe também explora a citação de Lopate, que define o ensaio como uma forma de pesquisa que busca “descobrir o que se pensa sobre algo” (Lopate, 2007, p. 67, *apud* Santos, 2024, p. 41), evidenciando a busca incessante por significado. Essa reflexão está alinhada com a proposta de Burlan, que parece dialogar com as incertezas e a busca por entendimento em relação à dor e ao luto. A obra de Luís Fellipe evidencia como esses filmes se tornam espaço de reflexão, em que o espectador é convidado a participar de um diálogo íntimo e pessoal.

A pesquisa se debruça sobre a figura do narrador e seu papel central na construção da narrativa. Luís Fellipe afirma: “A figura que narra sempre foi encarada, por mim, como detentora de muito poder” (p. 16). Essa afirmação coloca em evidência a responsabilidade do narrador em articular suas experiências pessoais, levando o



espectador a uma jornada de reflexão e identificação com a dor e o luto que permeiam a trilogia. Nesse sentido, a narrativa se transforma em um ato político, onde a voz do narrador se torna um veículo de resistência e expressão, desafiando normas e estigmas associados ao luto.

Além disso, o autor proporciona uma análise crítica que se relaciona com a evolução do documentário brasileiro, especialmente a partir dos anos 1990. Ele destaca que as produções que antes eram consideradas vanguardistas ou experimentais agora são vistas como ensaios cinematográficos que se nutrem da tradição do ensaio literário, trazendo novas perspectivas sobre a representação da realidade. Luís Felipe (p. 133) argumenta que “diversos rótulos tentam encaixar esses filmes em alguma categoria, como ‘documentários pessoais’ e ‘documentários reflexivos’, porém não são capazes de dar conta destes filmes”. Essa observação ressalta a necessidade de uma nova linguagem crítica que consiga dar conta das complexidades e nuances que permeiam a produção cinematográfica contemporânea.

As contribuições do livro para o campo da Comunicação Social são significativas. Ao reinterpretar o gênero documentário e destacar a valorização da subjetividade, a obra de Luís Felipe enriquece o campo da comunicação, sugerindo novas formas de abordagem e análise para questões sensíveis, como a perda e o luto. O diálogo estabelecido entre cinema e literatura, ao traçar paralelos entre o ensaio literário e o filme ensaio, oferece uma nova perspectiva sobre a narrativa audiovisual, ampliando o entendimento sobre as formas de contar histórias na contemporaneidade.

Por fim, a dissertação convertida em livro é uma leitura enriquecedora que amplia o conhecimento sobre a trilogia do luto de Cristiano Burlan e contribui para o entendimento das tecnologias de comunicação e cultura na atualidade. Com abordagem crítica e analítica, “*Meu ato criminoso é realizar filmes: a construção do narrador na trilogia do luto, de Cristiano Burlan*”, de Luís Felipe, se coloca como um importante referencial para futuros estudos na área, estimulando novas pesquisas que explorem a interseção entre subjetividade, narrativa e documentário.

## Referências

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. *In: Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003. p. 15-45.



BENJAMIN, Walter. **As obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política.** v. 1. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERNARDET, Jean-Claude. **Cineastas e imagens do povo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 318 p.

CONSTRUÇÃO. Direção: Cristiano Burlan. Roteiro: Cristiano Burlan. Brasil, 2006. 48 min, sonoro, colorido.

ELEGIA de um crime. Direção: Cristiano Burlan. Roteiro: Cristiano Burlan e Ana Carolina Marinho. Brasil, 2018. 92 min, sonoro, colorido.

LOPATE, Phillip. A la búsqueda del Centauro: El cine-ensayo. *In*: WEINRICHTER, Antonio (org.). **La forma que piensa: tentativas en torno al cineensayo.** Pamplona: Gobierno de Navarra, 2007. 215 p.

MATARAM meu irmão. Direção: Cristiano Burlan. Roteiro: Cristiano Burlan. Brasil, 2013. 77 min, sonoro, colorido.

SANTOS, Luís Fellipe dos. **“Meu ato criminoso é realizar filmes”:** a construção do narrador na trilogia do luto. Rio de Janeiro: Multifoco, 2024. ISBN: 978-65-5611-336-4. 154 p.

---

<sup>1</sup> Isadora Ortiz Coelho

Realiza mestrado no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Integra o Laboratório de Comunicação, Cidade e Consumo (Lacon/UERJ).

E-mail: isadoraortiz.98@gmail.com

Recebida em: 29/09/2024. Aceita em: 26/08/2025.